



FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ROTEIRO DE ATIVIDADES

1ª SÉRIE

1º BIMESTRE

AUTORIA

ADRIANO PRADO SOUZA

Rio de Janeiro

2013



TEXTO GERADOR

Os jesuítas.

Em 1549, a mando do Rei Dom João III, os primeiros jesuítas desembarcaram no Brasil, liderados por Manuel da Nóbrega (sacerdote português). A catequização dos índios era uma das obras colonizadoras mais desejadas pelo Rei, obra que atenderia não só os objetivos da colonização como também aos intentos de uma sociedade sagrada, portanto, obra de Deus. O padre Simão de Vasconcelos reafirma:

“À Alteza del-Rei Dom João III que então vivia, Príncipe tão pio, e inclinado a propagar a fé, que se lhe ouvira muitas vezes, que desejava mais a conversão das almas, que a dilatação de seu império. E com esta disposição da parte do Rei, e obrigação de nosso Instituto, foi fácil ajustar os intentos, e concluir, que se expedisse uma gloriosa missão a partes tão necessitadas. E consultando o negócio com os Padres mais graves, com o mesmo Rei D. João, e mais eficazmente com a Majestade divina, caiu a sorte venturosa sobre o Padre Manuel da Nóbrega. (José Maria de Paiva. Transmitindo Cultura: “A catequização dos índios do Brasil, 1549-1600”. Revista Diálogo Educacional. P. 1-22)

Os índios foram descritos na documentação católica da época como diabólicos opositores do projeto missional. Não por acaso, os religiosos diziam que a mata habitada por xamãs era incubadora das epidemias.” (Jean Baptista. Epidemias nas missões jesuíticas. Revista História Viva. P. 70)

“No plano das crenças, a mensagem veiculada pelo profeta/feiticeiro aludia, sem sombra de dúvida, a Terra sem Mal: lugar de abundância, onde os víveres não precisariam ser plantados,

nem colhidos, e as flechas caçariam sozinhas no mato; fonte de imortalidade, de eterna juventude, onde as velhas se tornariam moças, espécie de juventa tupi.” (Ronaldo Vainfas. A heresia dos índios. P. 53)

“Aos olhos dos índios, se o batismo dos padres lhes trazia a morte – morte real e simbólica – o rebatismo da santidade significava para eles a vida eterna na terra da imortalidade.” (Ronaldo Vainfas. A heresia dos índios. P. 121).

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 1

Os trechos da carta do padre Simão de Vasconcelos descrevem a religiosidade dos índios. Esta religiosidade está de acordo com a fé portuguesa? Justifique sua resposta.

Habilidade trabalhada

Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.

Resposta Comentada

Para responder esta questão, os alunos devem comparar o plano missionário dos jesuítas, que consistia em levar o catolicismo para as regiões recém descobertas, no século XVI, principalmente à América; catequizar os índios americanos, transmitindo-lhes as línguas portuguesa, os costumes europeus e a religião católica; construir e desenvolver escolas católicas em diversas regiões do mundo, com o trecho da carta que descreve a fé indígena. Os alunos concluirão que a religiosidade dos índios é incompatível com a fé portuguesa, já que os

portugueses querem introduzir na cultura indígena os ideais da fé católica baseados na santidade do espírito santo, na ressurreição e na vida santa. Já os índios possuíam suas crenças baseadas na natureza.

Um idoso na fila do Detran

“O senhor aqui é idoso”, gritava a senhora para o guarda, no meio da confusão na porta do Detran da Avenida Presidente Vargas, apontando com o dedo o tal “senhor”. Como ninguém protestasse, o policial abriu caminho para que o velhinho enfim passasse à frente de todo mundo para buscar a sua carteira.

O jornal tem recebido muitas cartas elogiando e outras criticando aquele departamento de tão má reputação. Afinal, melhorou ou não o serviço? Cheguei a pensar em sugerir à editoria de Cidade que mandasse fazer uma daquelas matérias em que o repórter desse o seu testemunho. Simularia tirar uma carteira e assim desfaria as dúvidas.

Agora, ali, no posto da Gávea, esperando a minha vez, eu me sentia fazendo as funções desse repórter, e tudo começava bem. A operação toda não demorou nem meia hora e eu já ia aplaudir o atendimento, quando, ao lado da boa notícia - aprovação no exame de vista - me deram uma má: teria que ir à Avenida Presidente Vargas para pegar a carteira.

Foi assim que acabei assistindo àquela confusão de que falei no início. Aliás, não só assisti como dela participei: o “idoso” que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra não era outro senão eu.

Até hoje não me refiz do choque, eu que já tinha me acostumado a vários e traumáticos ritos de passagem para a maturidade: dos 40, quando em crise se entra pela primeira vez nos “enta”; dos 50, quando, deprimido, se sente que jamais vai se fazer outros 50 (a gente acha que

pode chegar aos 80, mas aos 100?); e dos 60, quando um eufemismo diz que a gente entrou na “terceira idade”. Nunca passou pela minha cabeça que houvesse uma outra passagem, um outro marco aos 65 anos. E, muito menos, nunca achei que viesse a ser chamado, tão cedo, de “idoso”, ainda mais numa fila do Detran.

Na hora, tive vontade de pedir à tal senhora que falasse mais baixo. Na verdade, tive vontade mesmo foi de lhe dizer: “idoso é o senhor seu pai”. O que mais irritava era a ausência total de hesitação ou dúvida. Como é que ela tinha tanta certeza? Que ousadia! Quem lhe garantia que eu tinha 65 anos, se nem perdi pra ver minha identidade? E o guarda paspalhão, por que não criou um caso, exigindo prova e documentos? Será que era tão evidente assim?

Como além de idoso eu era um recém-operado, acabei aceitando ser colocado pela porta adentro. Mas confesso que furei a fila sonhando com a massa gritando, revoltada: “esse coroa tá furando a fila! Ele não é idoso! Manda ele lá pro fim!” Mas que nada, nem um pio.

O silêncio de aprovação aumentava o sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima - do tempo. Me lembrei da manhã em que acordei fazendo 60 anos: “Isso é uma sacanagem comigo”, me disse, “eu não mereço”. Há poucos dias, ao revelar minha idade, uma jovem universitária reagira assim: “Mas ninguém lhe dá isso”. Respondi que, em matéria de idade, o triste é que ninguém precisa dar para você ter. De qualquer maneira, era um gentil consolo da linda jovem. Ali na porta do Detran nem isso, nenhuma alma caridosa para me “dar” um pouco menos.

Subi e a mocinha da mesa de informações apontou para os balcões 15 e 16, onde havia um cartaz avisando: “Gestantes, deficientes físicos e pessoas idosas”. Hesitei um pouco e ela, já impaciente, perguntou: “o senhor não tem mais de 65 anos, não é idoso?”

– Não, sou gestante - tive vontade de responder, mas percebi que não carregava nenhum sinal aparente de que tinha amamentado ou estava prestes a amamentar alguém. Saí resmungando: “não tenho mais, tenho só 65 anos”.

O ridículo, a partir de uma certa idade, é como você fica avaro em matéria de tempo: briga por causa de um mês, de um dia. “Você nasceu no dia 14, eu sou do dia 15”, já ouvi essa discussão.

Enquanto espero ser chamado, vou tentando me lembrar quem me faz companhia nesse triste transe. Aí, se não me falha a memória – e essa é a segunda coisa que mais falha nessa idade – me lembro que Fernando Henrique, Maluf e Chico Anysio estariam sentados ali comigo. Por associação de idéias, ou de idades, vou recordando também que só no jornalismo, entre companheiros de geração, há um respeitável time dos que não entram mais em fila do Detran, ou estão quase não entrando: Zivaldo, Dines, Gullar, Francis, Evandro Carlos, Milton Coelho, Janio de Freitas (Lemos, Barreto, Armando e Figueiró já andam de graça em ônibus há um bom tempo). Sei que devo estar cometendo injustiça com um ou outro – de ano, meses ou dias – e eles vão ficar bravos. Mas não perdem por esperar: é questão de tempo.

Ah, sim, onde é que eu estava mesmo? “No Detran”, diz uma voz. Ah, sim. “E o atendimento?” Ah, sim, está mais civilizado, há mais ordem e limpeza. Mas, mesmo sem entrar em fila, passa-se um dia para renovar a carteira.

Por via das dúvidas, acho melhor o jornal mandar um repórter não-idoso fazer a matéria.

(Crônica de Zuenir Ventura publicada no Jornal do Brasil, 7/9/96.)

QUESTÃO 2

A crônica é o relato de um ou mais acontecimentos em um determinado tempo. A quantidade de personagens é reduzida, podendo inclusive não haver personagens. É a narração de um fato do cotidiano das pessoas, algo que naturalmente acontece com muitas pessoas. Esse fato é incrementado com um tom de ironia e bom humor, fazendo com que as pessoas vejam por outra ótica aquilo que parece óbvio demais para ser observado. Podemos identificar duas maneiras de se produzir uma crônica: a primeira é a crônica literária, narrativa, que como já foi dito, conta um fato do cotidiano, utilizando-se de personagens, enredo, espaço, tempo, etc. A outra maneira é a crônica dos textos jornalísticos, é uma forma mais moderna do gênero, e ao contrário da outra não narra e sim disserta, defende ou mostra um ponto de vista diferente do que a maioria enxerga, apresentando aspectos particulares de notícias ou fatos. Pode ser policial, esportiva ou política. A partir das classificações das crônicas, classifique a crônica abaixo como literária ou jornalística e justifique.

Habilidade trabalhada

Identificar as diferenças estruturais e temáticas que distinguem crônica literária de crônica jornalística.

Resposta comentada

Os alunos deverão confrontar as características da crônica literária e jornalística. Ao fazê-lo, deverão responder que trata-se de uma crônica literária, já que o texto trabalhado apresenta um ato do cotidiano, no qual uma pessoa vai a um órgão retirar um documento, através de uma narrativa com personagens, enredo, motivo, clímax e desfecho. As características comentadas acima se diferenciam da crônica jornalística, que tem como objetivo informar sobre acontecimentos reais de interesse público, através de uma linguagem direta e simples com o único objetivo de informar.

TEXTO COMPLEMENTAR

Aos poetas clássicos

Patativa do Assoré

[...]

Depois que os dois livro eu li,

Fiquei me sintindo bem,

E ôtras coisinha aprendi

Sem te lição de ninguém.

Na minha pobre language,

A minha lira servage

Canto o que minha arma sente

E o meu coração incerra,

As coisas de minha terra

E a vida de minha gente.

Poeta nivesitaro,

Poeta de cademia,

De rico vocabularo

Cheio de mitologia,

*Tarvez, este meu livrinho
Não vá recebê carinho,
Nem lúgio e nem istima,
Mas garanto sê fie
E não istruí pape
Com poesia sem rima.*

*Cheio de rima e sintindo
Quero iscrevê meu volume,
Pra não fica parecido
Com a fulô sem perfume;
A poesia sem rima,
Bastante me disanima
E alegria não me dá;
Não tem sabô a leitura,
Parece uma noite iscura
Sem istrela e sem lua. [...]*

QUESTÃO 3

Os gêneros literários são três: narrativo ou épico que apresenta um enredo que deve possuir um motivo, um clímax e um final. O dramático que apresenta textos escritos em forma

de diálogo ou monólogo para serem representados por atores no palco. O lírico que compreende textos em que um eu lírico expõe sentimentos e emoções interiores em versos na forma de poemas.

De acordo com a classificação dos textos literários, classifique o texto acima e justifique sua resposta.

Habilidade trabalhada

Reconhecer as principais características dos gêneros literários básicos (lírico, épico e dramático).

Resposta comentada

Para responder à questão acima, os alunos devem observar as características do texto e defini-lo como um dos três modos literários: narrativo, que apresenta um enredo que deve possuir um motivo, um clímax e um final. Lírico, que compreende textos em que um eu lírico expõe sentimentos e emoções interiores em versos na forma de poemas e o dramático, que apresenta textos escritos em forma de diálogo ou monólogo para serem representados por atores no palco. Os alunos deverão responder que este é um texto lírico, já que apresenta um eu lírico expressando suas emoções acerca de um tema. As outras características que confirmarão esta classificação são: a estrofação e a presença de rima, características de um poema.

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 4

As mensagens do dia a dia são feitas com intenções. Os bilhetes, as notícias, os panfletos, as cartas, os verbetes e as obras literárias são produzidos com algum objetivo. A linguagem

empregada para que o propósito do texto seja alcançado apresenta características que são classificadas em seis funções de linguagem: metalinguística, referencial, emotiva, fática, poética e apelativa. A partir da leitura dos trechos da carta do Padre Simão de Vasconcelos no texto 2, diga qual a função da linguagem que predomina no texto. Justifique.

Habilidade Trabalhada

Reconhecer as funções da linguagem: referencial, metalinguística, poética e emotiva.

Resposta comentada

O aluno deverá reconhecer no texto do Padre Simão de Vasconcelos a objetividade das informações, transmitidas por uma linguagem precisa. Desta forma, as descrições da catequização dos índios e suas posturas frente à cultura imposta pelos portugueses são feitas usando-se a função referencial.

QUESTÃO 5

Variações linguísticas são diferenças que uma mesma língua apresenta quando é utilizada de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas. No texto 3, o poeta nordestino Patativa do Assoré faz uma brincadeira com a formalidade dos poemas ao construir uma poesia carregada de variações linguísticas, ressaltando o fato da falta de escolaridade do eu lírico. Retire do texto 3 exemplos que caracterize as variações linguísticas presentes.

Habilidade trabalhada

Identificar fenômenos de variação linguística.

Resposta comentada

Os alunos, levando em conta os fatores que propiciam a variação linguística, como: classe social, idade, sexo, escolaridade e contexto comunicativo, podem retirar do texto palavras como: sintindo, servage e Recebê. As palavras usadas como exemplo podem encaixar-se nas variantes regionais como servage, na qual ocorre a troca do l pelo r e marcas de oralidade na escrita como a falta do r final do infinitivo do verbo receber e o alteamento da vogal e para i em sintido e não sentindo.

QUESTÃO 6

O trecho, a seguir, retirado do texto 2: “Por associação de idéias, ou de idades, vou recordando também que só no jornalismo, entre companheiros de geração, há um respeitável time dos que não entram mais em fila do Detran”, apresenta uma palavra com a regra de acentuação anterior às novas regras ortográfica. Retire esta palavra do texto e explique qual é a nova regra vigente quanto à acentuação desta palavra.

Habilidade trabalhada

Identificar normas ortográficas (acentuação, hífen) a partir do Novo Acordo.

Resposta comentada

Os alunos, baseados no novo acordo ortográfico que o Brasil recebeu, irão atentar para o fato de que com a supressão do acento agudo nos ditongos abertos em sílaba tônica, palavras como: "idéia”, retirada do trecho do texto mencionado, deixam de ser acentuada. Assim como ideia, outras também passam a perder seu acento devido a esta regra. Então, teremos: heroico, paranoico ou assembleia.